

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT9 – Museu, Patrimônio e Informação

COLEÇÕES DO MN-UFRJ: PRESERVAÇÃO, PESQUISA E COMUNICAÇÃO

COLLECTIONS OF MN-UFRJ: PRESERVATION, RESEARCH AND COMMUNICATION

Simone Figueiredo Bessa¹ - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
UNIRIO/MAST (PPG-PMUS)

Diana Farjalla Correia Lima – UNIRIO² - Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio UNIRIO/MAST(PPG-PMUS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Da perda e das ações de recuperação das coleções científicas do Museu Nacional da UFRJ, abordam-se práticas de formação e de documentação de coleções, procedimentos essenciais à gestão do Patrimônio Musealizado e à efetividade dos processos de produção, de recuperação e de uso da informação em Museu. Problemática a efetividade dos instrumentos de acesso aberto de compartilhamento da informação para a produção do conhecimento. Busca identificar, nas primeiras décadas da trajetória institucional do MN, práticas de Preservação, de Pesquisa e de Comunicação, visando apontar alternativas para a recuperação de conteúdo informacional e para a reconstrução da memória de coleções históricas permutadas, desaparecidas ou perdidas. A pesquisa é de natureza qualitativa e adota procedimentos de análise documental e bibliográfica em fontes primárias, caracterizadas por documentos institucionais de prática em Museu e repositórios de Geobiodiversidade e da Cultura. Verificam-se lacunas e contradições entre dados recuperados e bibliografia consultada; falta de interlocução entre áreas do conhecimento que integram as redes de compartilhamento da informação acessadas, tendo-se em vista as especificidades da documentação Museológica. Conclui-se que há necessidade de aproximação e de aplicação disciplinar entre áreas do saber que compartilham o acesso, a produção e a transferência da informação em Museu.

Palavras-Chave: 1. Museu; Coleções; Museologia; Informação; Memória

Abstract: Departing from the loss and the recovery actions of the scientific collections of Nacional Museum UFRJ, this article will approach the formation and documentation practices that are vital to the management of the Museum Heritage and to the effectiveness of the production, recovery and information use in Museum. This work will also question the effectiveness of the tools that provide open access to information sharing in order to produce knowledge. It aims at identifying, during the first decades of the institutional trajectory of MN, practices of Preservation, Research and Communication, in order to propose alternatives to the recovery of the information content and to the reconstruction of the memory of the collections that have might been swapped, disappeared or lost. This article adopts a qualitative procedure based on primary sources of documents and books, which are institutional data on the practice in Museum and repositories of Geo-biodiversity and Culture. One can notice several gaps and contradictions among the recovered data and the

¹ Museóloga UNIRIO; Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

² Museóloga MHN/UFRJ; Doutorado em Ciência da Informação, IBICT/ECO-UFRJ. Professorado Curso de Museologia UNIRIO e do PPG-PMUS UNIRIO/MAST.

bibliography analyzed, lack of integration of the subject areas that compose the information networks accessed, bearing in mind the specifications of museum documentation. As a conclusion, it is essential to claim that there must be an approximation and disciplinary application of the subject areas that share the access, production and transference of the information in Museum.

Keywords:Museum; Collections; Museology; Information;Memory

1 INTRODUÇÃO

Perdi, em brasas, e agora em poeira, a materialidade de minha Alma Mater– a Deusa Mãe em Roma, associada à terra nutriente, expressão hoje transposta às universidades em seu papel de provedoras do alimento do espírito e da razão, e que ali, antes de todas as universidades brasileiras floresceu.

Perdi muito mais que uma parte de mim, em que pus mais de 30 anos de atividade incessante.

Cresce o obscurantismo, amesquinham-se os tempos.

Mas a comoção da cidade e de todos os integrantes de nossa casa, diz-me que ela vive dentro de nós, e que não cessaremos de lutar para que volte a se materializar. Antonio Carlos de Souza Lima*

O Museu Nacional da UFRJ (MN), primeiro Museu³ criado no país como Museu Real (MR), em 6 de junho de 1818⁴, abrigava, até a noite de 2 de setembro de 2018, um número inestimável e expressivo de coleções compostas por exemplares diversificados e representativos da História Natural e da Antropologia, além de seu Arquivo Histórico, abrigado na Seção de Memória e Arquivo (Semear), da Biblioteca Francisca Keller, especializada em Antropologia, do Centro de Documentação em Línguas Indígenas (Celin) e cinco laboratórios, afetando, diretamente, a produção dos Programas de Pós-graduação em Arqueologia (PPGARq), em Zoologia (PPGZOO), em Antropologia Social (PPGAS) e em Linguística e Línguas Indígenas (Proflind) a ele vinculados.

Essa perda incomensurável motivou reações e declarações imediatas da sociedade e de instâncias representativas do setor, seguidas da promoção de várias ações, voltadas à recuperação desse acervo e à divulgação, junto ao público, de seus resultados por meio de palestras e de exposições⁵. Da mesma forma, esse episódio acirrou o debate acerca do papel dos gestores e da necessidade de investimento permanente em programas, ações e instrumentos, voltados à preservação e à salvaguarda do Patrimônio Musealizado no país.

Procedimentos de proteção e de tutela legal que, portanto, traçam a “trajetória das práticas diárias de profissionais de Museu e de museólogos”, referendadas em Códigos de Ética e de Conduta profissional, em instrumentos de Políticas Públicas e de planejamento

* Professor titular de Etnologia do Museu Nacional/UFRJ.

³ O uso opcional de letra maiúscula nas palavras - Museu; Musealização; Patrimônio; Patrimônio Musealizado; Preservação, Pesquisa e Comunicação em Museu – tem respaldo no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) por tratarem-se de domínios do saber, cursos e disciplinas da Museologia.

⁴ Conforme Decreto de 6 de junho de 1818.

⁵ Como a exposição MUSEU NACIONAL VIVE – ARQUEOLOGIA DO RESGATE que teve lugar no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), entre 27 de fevereiro e 29 de abril de 2019.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

estratégico do setor cujos princípios e diretrizes inscrevem-se em normas que, no Brasil, integram o Ordenamento Jurídico do Museu (BESSA, 2017, p.65-69).

E dentre as instâncias nacionais e supranacionais que respondem, respectivamente, pela promoção, valorização e implementação de Políticas Públicas, de Normas Reguladoras e de Recomendações voltadas à atividade e à conduta profissional em Museu, estão o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram); o Conselho Federal de Museologia (COFEM) e o Conselho Internacional de Museus (*International Council of Museums*- ICOM), cujos comitês internacionais atuam no âmbito da diversidade tipológica dos museus e de suas respectivas áreas disciplinares. Destacam-se aqui o Comitê Internacional para a Documentação (CIDOC); o Comitê Internacional para o Desenvolvimento de Coleções (COMCOL) e o Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), esse último voltado ao debate teórico da área.

Essas instâncias, dedicadas ao compartilhamento de informações e de programas, relacionados às especificidades temáticas dos museus, aplicadas à Museologia, discutem, elaboram, recomendam e referendam normas de conduta que tratam da Preservação, da Pesquisa e da Comunicação⁶ dos bens representativos da Geo-biodiversidade e da Cultura, sob a guarda e tutela do Museu.

No que tange à Preservação⁷, destacam-se aqui os procedimentos que nesse contexto voltam-se, especificamente, à formação e à documentação das coleções museológicas, respectivamente, relacionados a políticas e a normas de aquisição e de descarte; de tratamento administrativo e de conservação no âmbito da classificação, da catalogação e do inventário.

Procedimentos, portanto, essenciais à eficácia das “dimensões processuais”, próprias à “gestão do Patrimônio Musealizado” (SCHEINER, 2008, p.37), implicando na efetividade dos processos interpretativos e discursivos da Pesquisa e da Comunicação em Museu que encontram na exposição o canal privilegiado do discurso museológico e, portanto, “a mais

⁶ Esses contextos da Preservação, da Pesquisa e da Comunicação, relacionados à Função de Museu, formam uma “rede de inter-relações”, nomeada por Mensch (1992) “sistema museológico”. E, nesse sentido, o termo Preservação engloba os procedimentos de coleta, conservação, restauração, armazenamento e documentação; o termo Pesquisa refere-se à interpretação científica do valor informativo do bem musealizado; o termo Comunicação identifica-se à transferência da informação por meio da exposição, de publicações e das atividades educacionais.

⁷ O conceito de Preservação relaciona-se à proteção do bem musealizado, num processo que envolve políticas e normas de aquisição, gestão e conservação, visando o cumprimento da missão do Museu (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011).

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

visível e a mais emblemática das funções” de Museu (DESVALLÉES, SCHÄERER, DROUGUET, 2011, p.136, tradução nossa)⁸.

Nesse cenário, a Informação em Museu (LIMA, 2003), identificada como indício “de convergências teóricas entre Ciência da Informação e Museologia” (PINHEIRO, 2012, p.12), em contexto da documentação museológica, atua como “registro do conhecimento científico” (PINHEIRO, 1999, p.175), produzido a partir de conteúdos intrínsecos e extrínsecos dos itens das coleções (MENSCH, 1992). E, em sua “passagem para conhecimento” (PINHEIRO, 1999, p.178), promovida pela Comunicação em Museu, o acesso e a disseminação da informação estruturam-se em processos de representações e de atribuições de sentidos ao objeto musealizado, em sua relação com a pluralidade das práticas e dos sujeitos sociais.

Como exemplo do tratamento dado aos conteúdos informacionais destacam-se os documentos produzidos no âmbito do CIDOC: as Diretrizes Internacionais para Informações sobre Objetos de Museus (1995), relacionadas à descrição das Categorias de Informações aplicáveis aos registros dos objetos que integram as coleções; a Declaração de princípios de documentação de museu (2012) que informa a elaboração de políticas de documentação e de gerenciamento de coleções.

Por outro lado, o COMCOL, comitê mais novo do ICOM, dedicado à discussão e à elaboração de princípios éticos que estruturam as políticas de aquisição e de descarte de coleções em Museu, vem abordando, desde 2015, o colecionismo contemporâneo e o compartilhamento de coleções e de narrativas entre museu e comunidades de origem, a partir da problematização da hegemonia dessas instituições sobre a sistematização da produção e da disseminação de informação perante as demandas e as possibilidades abertas pela cultura digital, contexto relacionado ao uso das tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como mediadoras do acesso aos equipamentos culturais.

E, muito embora cientes da diversidade e da propriedade das críticas lançadas ao papel do Museu⁹, entende-se que as demandas, voltadas à legitimação e à inclusão das comunidades em contextos de colaboração e/ou curadoria das coleções exigem, antes de mais nada, a eficácia da implementação e da manutenção dos procedimentos referendados

⁸ “[...] *laplusvisible e laplusemblématique des fonctions muséales*”

⁹ Desde a segunda metade do Século XIX com Brown Goode (1896) e Flower (1898), chegando-se à multiplicidade dos modelos conceituais aplicados ao Museu visto como representação simbólica (SCHEINER, 2008).

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

por domínios especializados em Museu. E esses procedimentos, cujas raízes remontam ao “desenvolvimento da ciência moderna [...] e das coleções científicas” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p.276, tradução nossa)¹⁰ em Museu, hoje, integram instrumentos de políticas públicas como legislação, programas, planos e metas do setor¹¹.

Além disso, tendo-se em vista que a informação como conhecimento (BUCKLAND, 1991) se dá pela produção de sentido, outra questão apresenta-se com mais pertinência ao contexto ora em análise, relacionada ao nível de eficácia das ferramentas desenvolvidas para a disseminação e o uso da informação acerca das coleções científicas em Museu. Tratam-se dos instrumentos de acesso aberto (repositórios), especializados em conteúdo das áreas da Geo-biodiversidade, temática dos museus de ciências, como o Museu Nacional da UFRJ. Da mesma forma que aqueles dedicados às coleções de Etnologia e de Arqueologia, áreas também relacionadas às coleções do MN.

Por essa razão, o artigo, fundamentado na dimensão técnico-conceitual-normativa da Museologia, em contexto do processo de Musealização dos bens culturais (LIMA, 2013, 2015), baseia-se na noção de Museu, como forma histórica e socialmente mutável, representativa da “relação específica do homem com a realidade” (STRÁNSKÝ, 1995, p.35, *apud* DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p.294, tradução nossa)¹², destacando a experiência do “Museu tradicional” que tem no “objeto” sua “unidade conceitual” e “instrumento primordial do trabalho” (SCHEINER, 2008, p.37).

Uma representação, portanto, voltada à afirmação do valor científico das coleções para a produção do conhecimento, o acesso, o uso e as ressignificações plurais feitas, tanto por parte de especialistas/curadores em Museu, quanto pela diversidade de públicos e comunidades de origem. Ou seja, um Museu que, no cumprimento de seu papel social, deve lidar com os mesmos desafios postos a todo modelo conceitual de Museu na contemporaneidade (inclusão, acessibilidade, representatividade, diálogo, conectividade, inovação, sustentabilidade, trabalho em rede, desenvolvimento social e econômico, etc.), em um cenário de equilíbrio entre produção e uso/apropriação do conhecimento a partir de suas coleções científicas/históricas/compartilhadas.

¹⁰ “[...] *développement de laciencemoderne [...] de collectionsscientifiques*”.

¹¹ Como a Política Nacional de Museus (PNM), lançada em 2003, o Estatuto de Museus, instituído pela Lei nº 11.904/2009 e o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), lançado em 2010.

¹² “[...] *relationspécifique de l’homme à larealité [...]*”.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

E o enfoque será dado às práticas de formação e de documentação de coleções em Museus de Ciências, como narrativa da pesquisa científica, nascida e desenvolvida em Jardins Botânicos e Museus de História Natural (Séculos XVII-XIX), palco da sistematização técnico-conceitual de práticas de Preservação de espécimes e de objetos, selecionados segundo os critérios e os interesses das Ciências da Natureza que se afirmavam, como a Mineralogia, a Botânica e a Zoologia. Práticas que, ao longo do tempo, informariam as atividades e as investigações da diversidade de tipos de Museu, cujas coleções ligavam-se às demais áreas do saber e da Técnica: Artes, História, Antropologia, Indústria/Tecnologia e Comércio.

Trata-se, pois, da memória de parte da trajetória do Museu Nacional, ou melhor, dos “sucessivos ‘Museus Nacionais’ que se constituíram ao longo do tempo, ao sabor de mudanças políticas externas e internas, de mudanças epistemológicas e acadêmicas, de mudanças na concepção” (DUARTE, 2019, p.361-362). Trajetórias de constituição de um acervo, até então, estimado em cerca de 20 milhões de itens representativos da formação e do desenvolvimento de coleções de História Natural e Antropológicas, muitas das quais desaparecidas, perdidas, permutadas, emprestadas, destruídas pela ação do tempo ou por tragédias anunciadas. Um quadro amplamente reportado, tanto em relatórios administrativos, apresentados por seus diversos diretores, quanto em bibliografia e pesquisas sobre o MN e suas coleções históricas, muitas das quais permaneceram um longo tempo longe dos olhos do público, sob a guarda dos departamentos de pesquisas, mas que por ocasião das comemorações de seus 200 anos saíram das reservas técnicas para exposição ao público, como parte dos minerais da famosíssima Coleção Werner; o primeiro fóssil botânico coletado no Brasil, no século XIX, o *Psaronius brasiliensis*.

E, embora esses exemplares tenham sido resgatados das cinzas, parcialmente danificados ou alterados, a situação de outras coleções e da documentação parece não ser nada promissora, daí os esforços voltados à reconstrução da memória desses acervos ou, até mesmo, à recomposição de coleções científicas e a retomada das pesquisas de campo de cunho antropológico, gerando novos materiais e experiências de estudos; e as escavações arqueológicas realizadas nos escombros do museu. Esforços que, somados à vasta produção do Conhecimento, gerado pela pesquisa e pela divulgação científica feitas a partir das coleções, internacionalmente reconhecidas e demandadas para esse fim, ampliam as possibilidades do quadro investigativo.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Por conseguinte, busca-se identificar, em parte da trajetória do Museu Nacional (Séc. XIX), a aplicação ¹³ e o desenvolvimento de procedimentos, voltados à formação, à documentação, ao estudo, ao acesso, à disseminação e ao intercâmbio de coleções, visando demonstrar o quanto a adoção, do que hoje se nomeiam funções de Preservação, Pesquisa e de Comunicação em Museu, apresentam-se como ferramentas essenciais à recuperação do conteúdo informacional e à reconstrução da memória das coleções científicas desaparecidas do MN, antes e depois do incêndio de 2018. E como objetivos específicos, identificar, durante as primeiras décadas do funcionamento do MN, o resultado das práticas adotadas por seus gestores e demais profissionais naturalistas e botânicos que, em viagem de exploração no território nacional, estiveram a seu serviço. Para tanto, recorre à análise de fontes bibliográficas e repositórios institucionais de Museus de Ciências Naturais, Etnográficos e Jardins Botânicos em busca de conteúdo informacional (textual e imagético) sobre objetos e espécimes coletados no Brasil, no período, as quais não integram mais as coleções do MN.

A pesquisa de natureza qualitativa adota procedimentos de análise documental e bibliográfica em fontes primárias, aborda o processo de institucionalização de práticas de coleta, de documentação e de divulgação do conhecimento produzido no âmbito das relações estabelecidas entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e instituições afins, no início do Século XIX. Para tal, apoia-se em dados obtidos em documentos institucionais da prática em Museu (Instruções, relatórios, regulamentos) e em instrumentos de acesso aberto (repositórios) da Geo-biodiversidade e da Cultura. Dados esses verificados em pesquisa de dissertação defendida, em 2017, voltada à investigação dos processos de constituição de domínios especializados, valores e princípios com os quais o MN buscou cumprir sua missão institucional, propagando os conhecimentos e os estudos das Ciências Naturais e da Antropologia no Brasil.

2 MEMÓRIA DAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO E DE PRESERVAÇÃO DAS “COLEÇÕES CIENTÍFICAS” NO MUSEU NACIONAL (1819-1835)

À notória impermanência intrínseca das coisas humanas, opomos a memória desses dois séculos de luta profícuca, como uma ‘ilusão’ benigna e propiciatória a nos iluminar neste terceiro centenário. Luiz Fernando Dias Duarte *

¹³ Conceito que descreve o comportamento e o exercício de uma área do conhecimento sobre as demais, resultando em possíveis processos de interdisciplinaridade (PINHEIRO, 1999; LIMA, 2008).

* Luiz Fernando Dias Duarte, antropólogo e diretor do Museu Nacional da UFRJ, 1998-2001.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Os movimentos de lembrança, ou a “vontade de memória” (NORA, 1993, p.22), impostos à humanidade frente a sensação do não pertencimento e da desintegração eminente de valores e de certezas estabelecidas, desdobram-se em ondas fragmentárias por força do próprio esquecimento, elo desencadeador de uma memória “abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo” (NORA, 1993, p.14).

A perda infligida às coleções do MN, ícone de nossa memória (vívda/instável/latente) e história (representação/mudança), amplifica o desejo de reconstrução de um lugar reimaginado e recriado a partir de fragmentos vagos das múltiplas memórias que, do presente, nos remetem ao passado, próximo ou longínquo, em busca de vestígios dos caminhos trilhados de forma complexa e tortuosamente registrados nos arquivos da história de um museu que, ao completar 200 anos, insiste em renascer das cinzas. Afinal, como nos lembra Nora (1993, p.22), “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações”.

Dessa forma, passa-se a um inventário dos “lugares” aqui interpretados como representação da memória do Museu Nacional enquanto espaço de constituição de discursos e de práticas especializados, voltados à formação e à preservação de coleções científicas no país.

É o que se pode verificar em documentos institucionais (instruções, relatórios, regulamentos) e em instrumentos de acesso aberto (repositórios) que registram a memória de práticas de coleta, guarda e disseminação da Informação em Museu, espaço de domínio e de exercício de “campos diferentes” (LIMA, 2007, p.2) e seus subsídios teóricos e práticos.

Dentre os documentos institucionais selecionou-se aquele que expressa “o ideal de funcionamento” do MN “em seus primeiros vinte e cinco anos de existência” (LOPES, 2009, p.44), a “Instrução aos viajantes [...]”—obra publicada na Corte do Rio de Janeiro, por ordem de D. João VI(1819), traduzida de original francês do Museu de História Natural de Paris (1818), acrescida de notas transcritas da “Breves instruções [...]” da Academia de Ciências de Lisboa (1781) — voltava-se à formação de coleções, visando a propagação dos conhecimentos e dos estudos das Ciências Naturais no Brasil. Contexto no qual se verificou (BESSA, 2017), em pesquisa do conteúdo representacional das “categorias Missão e Função de Museu”, com base em análise de conjunto documental de base legal e correlato do MN (séculos XIX-XX), que o

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

“estudo” das coleções correspondeu à missão predominante do MN, entre a criação do MR, em 1818, e as décadas de 1931 e 1941.

Nessas últimas décadas, no entanto, além do “estudo” das coleções, a Missão do MN também passa a ser definida por meio do que, hoje, o domínio museológico interpreta como funções especializadas de Museu, sintetizadas nos âmbitos da Preservação (coligir/classificar/conservar/documentar) e da Comunicação (expor/divulgar), os quais, somados ao contexto da Pesquisa, formam o tripé estruturante do procedimento científico da Musealização que confere ao objeto de Museu (museália) os valores de testemunho da realidade e fonte de informação (musealidade) (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011).

Um quadro que remonta, portanto, ao desenvolvimento das Ciências Naturais (séculos XVIII e XIX) e dos procedimentos indispensáveis à formação de coleções científicas “de caráter universal” (LOPES, 2009, p.59) em museus espalhados pelo mundo. Panorama no qual sobressai a atuação do profissional naturalista, especialista (LEITE, 1994) formado por uma “elite acadêmica” (BRIGOLA, 2003, p.2) responsável pela disseminação de conjunto documental caracterizado como manual “pedagógico, detalhado e minucioso” (FIGUEIROA; SILVA; PATACA, 2004, p.722), sobre os modos de coleta, preparação, marcação, armazenamento e remessa de exemplares de História Natural para as metrópoles.

Como exemplo, a Instrução aos Viajantes (1819), adotada no Museu Nacional e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, documento equiparado (Autor tal, 2017) às Normas Regulamentares e Regimentais do MN, editadas a partir da segunda metade do Século XIX, e aos códigos de ética e de conduta dos profissionais de Museu (ICOM) e profissional museólogo (COFEM) na atualidade.

Este documento traz o rol das práticas cotidianas relativas à identificação e à integração dos objetos coletados às coleções científicas, conforme o sistema de classificação das Ciências Naturais. Assim como em relação à formação de um catálogo, “que ao mesmo tempo servisse de Inventário do Museu” (INSTRUCÇÃO, 1819, p.ix-x), no qual os objetos deveriam ser descritos conforme sua ordem de classificação e os respectivos números de localização. E, visando o trabalho comparativo e de identificação entre as instituições, uma cópia parcial do referido catálogo deveria ser remetida aos sítios de coleta com as informações acerca dos respectivos objetos, cujos similares deveriam ser depositados em instituições de guarda locais.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Pelo exposto, a Instrução visava auxiliar os encarregados da coleta para o aumento das coleções, muitos dos quais não tinham, necessariamente, a formação própria dos naturalistas, treinados para tal. A competência e a legitimação profissional dessa classe, no Brasil, só se formalizariam com o segundo Regulamento do Museu Nacional (Decreto nº 6.116/1876).

E os trabalhos para a implementação dos procedimentos de coleta, organização e catalogação das coleções do MN foram sucedendo-se, entre as décadas de 1820 e 1840, durante as gestões de Frei José da Costa Azevedo (1818-1822), João da Silva Caldeira (1823-1827) e Fr. Custódio Alves Serrão (1828-1847) e a gestão interina de João de Deus Mattos (1822-1823; 1835-1837), único, sem formação acadêmica (LOPES, 2009).

Embora esses primeiros diretores tenham enfrentado dificuldades com o andamento adequado das práticas de Preservação, seja porque atuavam auxiliados por apenas um preparador em razão da intensificação do papel consultivo do museu, junto ao Governo Imperial (LADISLAU, 1870), em fins de 1827, o cotidiano dos trabalhos executados e as necessidades do museu começam a ser registrados em ofícios e relatórios, enviados à Secretaria de Estado dos Negócios do Império (LOPES, 2009)¹⁴.

Muitos desses relatos e demandas dão um vislumbre das práticas no museu, como o “remonte” dos espécimes danificados, a “revisão da classificação” (LOPES, 2009, p.67), a separação das duplicatas, visando a conservação preventiva e documentação das coleções, a exemplo do exposto, em um dos primeiros ofícios enviados ao ministério por Serrão, em 1828, solicitando o emprego de um desenhista para o registro visual dos espécimes mais suscetíveis a destruição por pragas, mantendo-se, assim, as informações necessárias sobre a “atitude, a forma natural e as cores dos animais e dos vegetais” (LADISLAU, 1870, p.53).

Já na “Relação dos Objetos que se conservam no Museu Nacional Dessa Corte” (1838), reputado o primeiro inventário do MN (LADISLAU, 1870), recuperam-se as informações acerca das tipologias e do número de itens das coleções científicas, sob sua guarda¹⁵. E, conforme recomendado na Instrução de 1819, esses itens eram classificados “segundo o sistema [...] de Curvier no Reino Animal” e na Botânica, “as plantas secas”, segundo o sistema de Jussieu,

¹⁴ Lopes faz referência a duas tipologias de relatório, um de trabalho interno, a partir de 1837, e outro, ordinariamente enviado em resposta às demandas encaminhadas pelo ministério sobre “Informação do Estado Geral do Museu”, a partir de fins de 1827, embora, os primeiros identificados pela autora, datem de 1830. Esses dados também integram os Relatórios ministeriais sobre o tema, disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira (FBN).

¹⁵ O resumo do documento, apresentado por Ladislau (1870), descreve a quantidade dos espécimes zoológicos (4.964 espécimes), botânicos (1.600 amostras), orictognósticos (4.516 itens), além das coleções de Numismática, Belas-Artes, Artes, Instrumentos de Física e Química, Usos e Costumes de diversos povos.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

estando separadas apenas alguns gêneros, mas reconhecíveis várias espécies” (Livro dos Ofícios do Museu Nacional, 1838, p. 143, *apud* LOPES, 2009, p.68).

Da mesma forma, eram grandes os desafios enfrentados pelos diretores do MN, no que diz respeito à formação das coleções, mesmo considerando-se as práticas de coleta, as compras, as doações ou as permutas feitas entre as instituições científicas, à época. Dentre eles, o maior obstáculo era a constante falta de verba para novas aquisições; para a contratação de funcionários, minimamente qualificados; para a manutenção e o investimento nos espaços físicos e de guarda. E, para piorar, os naturalistas estrangeiros, visitantes ou comissionados pelo governo imperial, segundo os diretores Caldeira e Serrão, não depositavam no museus duplicatas correspondentes ao número dos objetos que levavam para seus países de origem (LOPES, 2009).

Dentre todos os naturalistas e profissionais das ciências que estiveram em atuação no Brasil, dois são emblemáticos do *modus operandi* MN, no período: o farmacêutico e botânico francês Charles Gaudichaud-Beaupré (1789-1845) e o botânico alemão Friedrich Sellow (1789-1831).

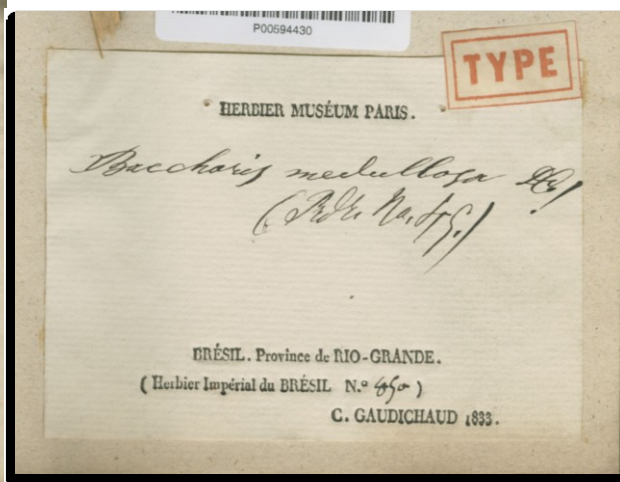
Gaudichaud esteve no Brasil, entre 1818 e 1820, e entre 1832 e 1835, onde coletou um número significativo de espécimes naturais, enviados ao Museu Nacional de História Natural (MNHN) de Paris. Na última expedição, permaneceu, um longo período no Rio de Janeiro, desenvolvendo estudos sobre fisiologia e organogenia vegetal, colaborando (LASÈGUE, 1845) na revisão na classificação da coleção botânica do MN. Em retribuição a esse trabalho, o diretor do MN [Serrão?] fez a doação de 4.500 espécimes botânicos, os quais foram levados por Gaudichaud para o MNHN de Paris, em 1835 (LASÈGUE, 1845). Esse conjunto tornou-se, então, a base da coleção *l’Herbier brésilien* do museu francês (figura 1 e 2), sendo referida em artigo ¹⁶ do periódico *Archives du Muséum d’Histoire Naturelle* (1844).

¹⁶“*Légumineuses arborescentes de l’Amérique du Sud*”, de autoria do botânico e naturalista Edmond Tulasne.

Figura 1 - *Baccharis glutinosa* Pers. (Holótipo)



Figura 2 – Detalhe (etiqueta)



Fonte: *Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris. Herbar Impérial du Brésil in Gaudichaud – 1833*
Collector's name: Sellow - Collector's number: 850

Esse procedimento, comum em museus de ciências, à época, em razão da prática do intercâmbio de coleções para o desenvolvimento do estudo comparativo de espécimes duplicados, acabou por garantir a recuperação da informação sobre os itens botânicos depositados no MN por Friedrich Sellow, atuante no Brasil, entre 1815 e 1831.

Sellow foi reputado (LADISLAU, 1870; SERRÃO, 1932, *apud* LOPES, 2009) o naturalista que mais contribuiu para a formação das coleções científicas do MN, em sua época, embora as remessas feitas por ele para os museus de seu país de origem, a antiga Prússia, tenham superado exponencialmente as contrapartidas devidas ao Museu do Rio de Janeiro, apesar das pensões anuais de 400,00 réis, em 1815 e de 600.000 réis, em 1820 (PAPAVERO, 1971). Essas pensões foram pagas pela Coroadado Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, para a realização de viagens de observações e coletas pelas províncias do país e, mais ainda, em razão de ter sido contratado como naturalista do próprio Museu Real (PAPAVERO, 1971).

Além de milhares espécimes botânicos, sua especialidade, Sellow remeteu ao exterior centenas de itens zoológicos, amostras geológicas, crâneos e artigos indígenas, contribuições fundamentais ao desenvolvimento da pesquisa científica nos vários campos do saber, a exemplo dos trabalhos publicados na “Flora Brasiliensis” (PAPAVERO, 1971, p.58, 79), obra iniciada pelo alemão Carl Friedrich Philipp von Martius e patrocinada pelas casas imperiais do Brasil, da Áustria e da Baviera.

Lamentavelmente, já em 1832, um ano após sua morte, a direção do MN não possuía dados para precisar se a quantidade, depositada na instituição, correspondia, ou não, a dos

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

espécimes enviados ao exterior (LOPES, 2009). E com o decorrer das décadas só restaram, no arquivo do MN, a correspondência das autoridades alfandegárias comunicando as remessas de Sellow para o MN, sem que houvesse restado um só exemplar dos espécimes zoológicos e botânicos, por ele coletados (PAPAVERO, 1971).

Hoje, no entanto, a maior parte das coleções científicas do MN não existe mais, por força de impossibilidades variadas de se dar cumprimento às práticas de Preservação em Museu, comprometendo, ao longo dos séculos, seu dever de salvaguarda e de tutela do Patrimônio das Ciências Naturais e da Antropologia do país.

No entanto, apesar dessa perda ter impactado a continuidade das funções de Pesquisa e de Comunicação a partir daquelas coleções, outros caminhos apontam para a possibilidade de reconstrução de sua memória, como no caso da pesquisa realizada (AUTOR tal, 2017) em repositório institucionais, visando a recuperação de informação sobre o material coletado por Sellow no Brasil, hoje, depositados em museus e jardins botânicos internacionais.

Tal busca foi facilitada pela especificidade das práticas aplicadas às coleções científicas, desde o primórdio dos estudos das Ciências Naturais, como as descrições de tipos nomenclaturais, isto é, o elemento ao qual o nome de um táxon está permanentemente ligado, feitas por especialistas em publicações científicas, integradas aos repositórios dos diversos campos disciplinares a elas relacionados.

Esses instrumentos de acesso aberto funcionam como uma verdadeira reserva e inventário global da biodiversidade do planeta, assim como da história da formação das coleções científicas dos primeiros museus e jardins botânicos criados no mundo. Essas instituições integram redes de compartilhamento virtual de dados acerca de suas coleções, algumas mais apropriadas à comunidade científica, outras ao público leigo.

Dentre essas redes encontram-se os repositórios que deram apoio à pesquisa, na busca de informações e imagens dos espécimes e dos objetos coletados por Sellow no Brasil, como o Sistema da Flora do Brasil 2020. Trata-se de uma ferramenta de validação de nomenclaturas botânicas do Herbário Virtual do Programa ReFlora, administrado pelo Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (IPJB RJ).

O ReFlora integra o Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBr), disponibilizando informações e imagens sobre a Flora, depositada em herbários internacionais e nacionais. E os primeiros colaboradores na construção desses dados foram o Jardim Botânico de Londres, *KewGardenseo* Museu Nacional de História Natural de Paris, instituições

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

depositárias de exemplares brasileiros, descritos por Sellow e que, por isso, levam seu nome, como o gênero botânico da família *Lamiaceae*, a *SalviasplendensSellowex Roem. &Schult*(Figura 3), assim descrito no sistema da Flora do Brasil 2020.

Figura 3 - *SalviasplendensSellowex Roem. &Schult*(isótipo)



Fonte: Flora do Brasil 2020.© copyright of the Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew

Da mesma forma, foi possível identificar, no repositório de dados do Museu de Paris, que mantém 13,5% das coleções e mais de 65% dos tipos informatizados, a Coleção Gaudichaud, com exemplares provenientes do Herbário Imperial do Brasil. Essa circunstância possibilitou o desdobramento dos passos investigativos, chegando-se às referências bibliográficas (LASÈGUE, 1845; PAPAVERO, 1971) sobre o cenário das práticas de doação de coleções, em troca de serviços prestados no MN, à época, e a descrição detalhada das coletas e das remessas feitas por Sellow e demais naturalistas estrangeiros em atuação no país.

Já no contexto de elaboração do presente artigo identificaram-se novas referências sobre espécimes coletadas por Sellow no repositório que abriga as informações fornecidas pelo Herbário do Museu Nacional(R), também integrado ao (SiBBr), disponibilizado para uso público através da Plataforma Global de Informação sobre Biodiversidade (GBIF).

O Herbário do Departamento de Botânica do Museu Nacional, fundado em 1831, reúne cerca de 600.000 espécimes. Dentre estes, 5.600 exemplares compõem a coleção de tipos nomenclaturais. No entanto, no repositório consultado, todas as excicatas de espécimes

tipo, relacionadas à Sellow são duplicata do holótipo (descrição original), denominada isótipo, ou duplicata do lectótipo (descrição posterior) denominada isolectótipo¹⁷.

Outro recurso on-line fundamental à pesquisa foi a *SMB-digital Online collectionsdatabase*, repositório de dados dos Museus Nacionais de Berlim (*Staatliche Museen zu Berlin*), ligado à Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, onde foram identificados dois objetos etnológicos (figuras 4 e 5, abaixo) coletados por Sellow no Brasil, em possível contexto, relacionados pela autora, à expedição feita por Sellow, Freyreiss e Maximilian zu Wied-Neuwied, cujo registro encontra-se na obra "*Reisenach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*", editada em dois volumes (1820-1821), com ilustrações de grupos indígenas, dentre eles os da etnia Botocudo.

Figura4: Kokosfaserkorb **Figura5- Lippenplöcke und Ohrplöcke Botokuden (Ethnie)**



Fonte: *Staatlichen Museen zu Berlin – Stiftung Preußischer Kulturbesitz*. Friedrich Sellow (1789 - 1831), *Sammler Brasilien (Land)*. Fotografia: Claudia Obrocki [20-?]

Embora esses caminhos, abertos pela pesquisa, sobressaíam como fontes fundamentais à recuperação da informação com vista à reconstituição da memória de acervos desaparecidos do Museu Nacional e, até mesmo, a restituições ou doações, verifica-se a falta de interlocução entre as práticas especializadas dos setores que integram as redes de compartilhamento virtual consultadas, no âmbito da Geo-biodiversidade, e as práticas especializadas da Museologia, no que se refere a especificidade da documentação aplicada aos bens musealizados, em razão da complexidade de sua estrutura informativa (FERREZ, 1994). As informações recuperadas, por exemplo, não foram capazes de esclarecer muitas lacunas e

¹⁷ De acordo com o Código Internacional de Nomenclatura Botânica (ICBN) normatiza e recomenda as atribuições de nomes de grupos taxonômicos de acordo com tipos nomenclaturais, que pode ser uma espécie, cultura, ilustração, descrição ou taxon. Os tipos nomenclaturais variam de acordo com as especificidades: holótipo, designação dada pelo autor que descreveu espécie; Isótipo, espécime duplicado do holótipo; Lectótipo, designação posteriormente à descrição original; Isolectótipo, espécime duplicado do material do lectótipo; Neótipo, substitui o holótipo desaparecido, etc.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

contradições presentes na bibliografia consultada acerca de espécimes e objetos coletados por Sellow no Brasil e daqueles depositados no Museu Nacional. O máximo que se consegue é identifica-lo como coletor (MNHN e Flora do Brasil 2020) e a área da coleta (MNHN), mas não se pode esclarecer, por exemplo, se as exsicatas publicadas pelo Herbário do Museu Nacional fazem parte da coleção depositada pelo naturalista na instituição museu ou não, visto a afirmação de Papavero (1971) de que as mesmas não teriam sobrevivido ao tempo. Muito embora, também não se tenha muitas informações sobre a origem dos objetos coletados por ele, sob a guarda do Museu de Berlim. Neste caso, ao que parece, a falta de publicação dos manuscritos deixados por Sellow comprometeram o registro e a recuperação da memória de sua prática profissional no Brasil. Um contexto cuja dimensão pode ser medida pelo peso de suas contribuições para os estudos que deram origem à “*Flora Brasiliensis*”, escrita entre 1840 e 1906, a partir das coleções botânicas, zoológicas, etnológicas e paleontológicas depositadas em museus europeus (PAPAVERO, 1971).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama investigativo, voltado ao processo de institucionalização de práticas de Preservação, Pesquisa e de Comunicação em Museu, no âmbito das relações estabelecidas entre Museus de História Natural e instituições afins, durante o século XIX, buscou identificar na trajetória do primeiro Museu do país a aplicação de procedimentos de formação e de documentação das coleções científicas, interpretados como essenciais à eficácia da “gestão do Patrimônio Musealizado e à efetividade dos processos de produção, disseminação e uso da informação em Museu, propiciando a reconstrução da memória de práticas e de coleções perdidas. A prática do intercâmbio e permuta de coleções, comum em museus de História Natural, no século XIX, demonstrou-se eficaz para a recuperação da informação, disponibilizada em instrumentos de acesso aberto (repositórios) institucionais de Museus e instituições afins, na contemporaneidade. No entanto, a falta de adequação às especificidades da Documentação Museológica e ao tratamento dos conteúdos informacionais, relacionados à descrição das categorias aplicáveis aos registros dos objetos de Museus (CIDOC), comprometeu o esclarecimento de lacunas e imprecisões observadas nas fontes consultadas. Fato que, por si só, aponta para a necessidade de interlocução e de aplicação disciplinar entre áreas do saber que compartilham o acesso, a produção e a transferência da

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Informação em Museu. Da mesma forma que fortalece a demanda pelo compartilhamento não apenas de informações especializadas, entre pares, mas sobretudo de instrumentos e narrativas acessíveis à diversidade dos públicos em Museu.

REFERÊNCIAS

BESSA, Simone Figueiredo. **Musealização e ordenamento jurídico do museu no Brasil: Missão e Função (conceito e prática) no Museu Nacional - UFRJ (séculos XIX-XX)**. 2017. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. 226 f. il. Orientador: Diana Farjalla Correia Lima. Disponível em:<http://www.unirio.br/ppg-pmus/copy3_of_simone_figueiredo_bessa.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BESSA, Simone Figueiredo; LIMA, Diana Farjalla Correia. Missão e função de museu: aplicação técnico-conceitual e sistematização. In: ENANCIB 2018 (19) - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 19., 2018, Londrina. **Anaiseletrônicos...** XIX ENANCIB 2018, GT - Museu, Patrimônio e Informação. Londrina: UEL; ANCIB, 2018. p. 5748-5767. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/1021/1749>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. **Acordo ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas**. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014. 100 p. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508145/000997415.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. Decreto de 6 de junho de 1818b. Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um predio do Campo de Sant`Anna que manda comprar e incorporar aos proprios da Corôa. **Coleção de Leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro: Typhographia Nacional. p. 60, v. 1, 1818. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/antioresa1824/decreto-39323-6-junho-1818-569270-norma-pe.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília: DF, p. 1, seção 1, 2005. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2009/lei-11904-14-janeiro-2009-585365-norma-pl.html>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Plano Nacional Setorial de Museus – 2010/2020**. Brasília, DF: MinC/IBRAM. 2010. p. 7. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Política Nacional de Museus: Memória e Cidadania**. Brasília, 2003. Disponível em: <http://museus.ibram.gov.br/sbm/politica_apresentacao.htm>. Acesso em: 28 jul. 2019.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

BRIGOLA, João Carlos Pires. Curso de Philosophia Natural, profissionalização do viajante-naturalista e 'conflito de faculdades' (1772-1808). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012. 18 p. Texto adaptado de: _____. **Colecções, gabinetes e museus em Portugal no séc. XVIII**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003. 2 v. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/8328>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**(JASIS), v.45, n.5, p.351-360, 1991.

GOODE, George Brown. 1897. **The principles of museum administration**. York:1895. 73p.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL RIO DE JANEIRO. **MUSEU NACIONAL VIVE: ARQUEOLOGIA DO RESGATE**. Disponível em: <<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/museu-nacional-vive-arqueologia-do-resgate/>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE MUSEOLOGIA. **Código de ética profissional do museólogo de 18 de dezembro de 1984**, modificado em 23 de outubro de 1992. Disponível em: <http://cofem.org.br/?page_id=22>. Acesso em: 13 jun. 2017.

DESVALLÉES André; MAIRESSE François (Dir.). **Dictionnaireencyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011. 722p.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O Museu Nacional: ciência e educação numa história institucional brasileira. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 25, n. 53, p. 359-384, abr. 2019. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000100359&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 29 jul. 2019.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital Brasileira**. Disponível em: <Nacional <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brasil-ministerio-imperio/720968>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Estudos Museológicos**. IPHAN. Rio de Janeiro. 1994. p. 65-74. (Cadernos de Ensaios 2).

BROWN GOODE, George. The Principles of Museum Administration, **Report of Proceedings of the sixth annual general Meeting**,Newcastle-upon-Tyne, jul.1896, p. 69-148.

FIGUEIROA, Silvia Fernanda de Mendonça; SILVA, Clarete Paranhos; PATACA, Ermelinda Moutinho. Aspectos mineralógicos das "Viagens Filosóficas" pelo território brasileiro na transição do século XVIII para o século XIX. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 713-729, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000300009&lng=en&nrm=iso>. Acessoem: 28 jul. 2019.

FLOWER, William Henry. **Essays on museums and other subjects connected with natural history**. Londres: Macmillan, 1898. 394p. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/77179>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Biblioteca Nacional Digital - BNdigital. Acervo digital. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

HERBÁRIO DO MUSEU NACIONAL. **R**. Centro de referência da biodiversidade brasileira. Disponível em: <https://ipt.sibbr.gov.br/mnrj/resource?r=r_herbario>. Acesso em: 28 jul. 2019.

HERBÁRIO DO MUSEU NACIONAL. **R-Tipos**. Centro de referência da biodiversidade brasileira. Disponível em: <https://ipt.sibbr.gov.br/mnrj/resource?r=r_tipos>. Acesso em: 28 jul. 2019.

LASÈGUE, Antoine. **Muséobotanique de M. Benjamin delessert**. Noticessurlescollections de plantes et labibliothèquequilecomposent; contenantenotre desdocumentssurles principauxherbiers d'Europe et l'exposédesvoyagesentreprisdansl'intérêt de labotanique. Paris: Librairie de Fortin, 1845. 614 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/b29339704> >. Acesso em: 28 jul. 2019.

LEITE, Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 7-19, nov. 1994 - fev. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701995000100002>. Acesso em: 28 jul. 2019.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Ciência da Informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiro: aplicação ou interdisciplinaridade? In: ENANCIB 2008 – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (9), 2008, São Paulo. **Anaiseletrônicos... IX ENANCIB 2008, GT1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação**. São Paulo: ANCIB, USP, 2008, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1662.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar**: informação em arte, um novo campo do saber. 2003. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) IBICT-ECO/UFRJ, Rio de Janeiro. 2003. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/683>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: história de um Desenho (Inter)Ativo. In: ENANCIB 2007. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos... VIII ENANCIB 2007, GT - Debates sobre Museologia e Patrimônio**. Salvador: ANCIB; PPGCI-UFBA, 2007. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--060.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite à reflexão. **Museologia & Interdisciplinaridade**. Brasília, PPGCI UnB, v. 2, n. 4, p. 48-61, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/9627>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando Musealidade e Museália. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 379-398, ago., 2015. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1369>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB; 2009. 369p.

MELLO NETTO, Ladislau de Souza. **Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro**: acompanhadas de uma breve notícia de suas coleções e publicadas por ordem do Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro: Instituto Philomatico, 1870. 310 p.: il. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221729>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

MENSCH, Peter van. **Towards a methodology of museology**. 1992. Thesis (Doctorate in Museology) - Information Science Program, University of Zagreb, Zagreb, 1992.

MUSEU NACIONAL (UFRJ). Seção de Museologia (Org.). **Os diretores do Museu Nacional/UFRJ**. 2007/2008. Rio de Janeiro. 59 p.

MUSÉUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE.MNHN. **CollectionHerbierImpérialduBrésil in Gaudichaud**. Disponível em: <<https://science.mnhn.fr/all/list?originalCollection=Herbier+Imp%C3%A9rial+du+Br%C3%A9sil+in+Gaudichaud>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28,dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

PAPAVERO, Nelson. **Essays on Neotropical dipterology, with special reference to collectors (1750-1905)**. São Paulo: Museu de Zoologia. Universidade de São Paulo, 1971. v. 1, 300 p., il. Disponível em: <<http://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/101715#/summary>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel. Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 58-79, 2005. Disponível em: <http://www.mast.br/arquivos_sbhc/26.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2019.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: _____ (Org.): **Ciência da Informação, Ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília, Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1999. p. 155-182.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Confluências Interdisciplinares entre Ciência da Informação e Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 7-31, jan/jul de 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/museologia.v1i1.12343>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

SALVIA. In: **Flora do Brasil 2020** em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB8352>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

SALVIA. In: **The Herbarium Catalogue**. Royal Botanic Gardens, Kew. Disponível em <<http://specimens.kew.org/herbarium/K000479450>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

SCHNEIDER, Tereza. O museu como processo. Letícia Julião (Coord.); José Neves Bittencourt (Org.): **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**, Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, p. 37-49, 2008. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2019.

STIFTUNG PREUSSISCHER KULTURBESITZ. SMB-digital online database. Disponível em: <<http://www.smb-digital.de/eMuseumPlus>>. 28 jul. 2019.

THE HERBARIUM CATALOGUE. **Royal Botanic Gardens**, Kew. Disponível em: <<http://www.kew.org/herbcat>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

TULASNE, Edmond. Légumineuses arborescentes de l'Amérique du Sud. **Archives du Muséum d'Histoire Naturelle**, Paris, p. 65-67. 1844. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/81360#page/9/mode/1up>>. Acesso em: 28 jul. 2019.